

Do colo materno ao convívio social na psicologia de Winnicott

ZELJKO LOPARIC

Folha de S.Paulo, 08/05/2016

RESUMO Donald Woods Winnicott, cujo 120º aniversário se celebrou em abril, é tido por muitos como o principal psicanalista depois de Freud. Ainda que o pai da teoria edípica tenha servido de referência para seu trabalho, o psiquiatra britânico formulou conceitos próprios e abriu caminho para uma "revolução" psicanalítica.

No mês passado, celebraram-se os 120 anos do nascimento de Donald Woods Winnicott, considerado por muitos o mais importante psicanalista depois de Freud. Por quê? Porque ele refundou a psicanálise freudiana.

No esboço de um artigo de 1971, ano de sua morte, Winnicott escreveu: "O que pleiteio é um tipo de revolução em nosso trabalho. Vamos reexaminar o que fazemos". O que fazem os psicanalistas freudianos? Decifram o inconsciente reprimido que incomoda.

Os freudianos curam pela palavra, pela análise do discurso do paciente. Com a cura pela palavra, no entanto, as análises não terminam. A falta de eficácia das análises comuns se deve ao desconhecimento da existência de dissociações muito primitivas descobertas por Winnicott, escondidas atrás dos conflitos do inconsciente reprimido. A revolução conclamada já teria, portanto, acontecido, e consistiria em suas próprias contribuições à psicanálise.

Formado como médico pediatra e tendo observado problemas emocionais em bebês de poucas semanas, Winnicott tornou-se psiquiatra infantil e recorreu à psicanálise freudiana. Começou a modificar a psicanálise quando constatou que algo estava errado com o modelo edípico, criado e usado para tratar as neuroses dos adultos.

As mudanças decisivas foram motivadas pelo que Winnicott apreendeu das análises de psicóticos adultos, que precisaram regredir à situação de dependência: retornar aos estágios e processos muito primitivos da vida, idênticos, entendia Winnicott, aos vividos pelos bebês humanos.

AMADURECIMENTO

Quais são as principais reformulações? Substituição do Édipo, andarilho na cama da mãe, como modelo de problemas psicanalíticos, por outro –o do bebê no colo da mãe; teoria do processo de amadurecimento (crescimento, desenvolvimento, integração) mediante a qual indivíduos se transformam de bebês dependentes em pessoas inteiras capazes de vida própria; teoria da natureza humana; a psicopatologia winnicottiana, que é uma teoria das interrupções do processo de amadurecimento; teoria dos procedimentos clínicos para auxiliar indivíduos a retomar o processo de amadurecimento interrompido e a conquistar a unidade pessoal; teoria da experiência cultural. Vejamos.

Para Freud, da situação edípica surge o complexo nuclear, que estaria na origem não só da estruturação da personalidade mas de todos os problemas psicanalíticos (neuroses) e mesmo da ordem social e da cultura. Segundo Winnicott, as bases da personalidade são lançadas com o bebê ainda no colo da mãe, formando, na experiência inicial com ela, as bases de toda sua capacidade futura de se relacionar; os fracassos respectivos respondem pela estrutura básica de todas as dificuldades emocionais da vida humana.

Em Freud, a teoria da sexualidade é o carro-chefe para o estudo e o tratamento das neuroses. Em Winnicott, papel semelhante cabe à teoria do amadurecimento, espinha dorsal de seu ideário, usada no estudo e tratamento de todos os problemas maturacionais do existir humano, a natureza específica destes sendo modulada pelo seu ponto de origem na linha do amadurecimento.

Freud estuda o homem em termos de processos mentais, conscientes e inconscientes. Winnicott vê o homem como manifestação da natureza humana no tempo, caracterizada pela tendência à integração que só se realiza num ambiente facilitador (o colo da mãe, a família, o grupo social). Viver significa alcançar e manter a continuidade de ser no mundo.

Na sua psicopatologia, Freud parte das lacunas na corrente da consciência composta de conteúdos afetivos e representacionais de caráter sexual, que resultam da repressão; codificados e guardados na parte inacessível do aparelho, esses conteúdos forçam o retorno à consciência como sintomas, desordens adicionais dolorosas da vida consciente.

Na psicopatologia de Winnicott, os distúrbios não são gerados pela expulsão, para fora da consciência, daquilo que aconteceu, mas não deveria, e sim por aquilo que não aconteceu, embora precisasse acontecer. Os distúrbios são interrupções na continuidade do ser, cuja origem está nas falhas ambientais e nas reações do bebê a essas falhas, que acabam constituindo organizações defensivas mais ou menos rígidas.

Freud propõe a "talking cure", técnica que, mediante livre associação e interpretação, conecta os sintomas com os conteúdos inconscientes reprimidos, resgatando-os, assim, para a memória consciente. Uma vez que as instâncias repressivas estão sempre lá, a permanente censura de desejos cria novos distúrbios, de modo que o tratamento, em princípio, nunca chega ao fim.

Além de usar a cura pela palavra numa versão modificada, Winnicott defende e pratica um tratamento inteiramente novo: a "care-cure", cura pelo cuidado.

Quando a continuidade de ser foi interrompida pela falha ambiental, a tendência à integração desenvolve uma força poderosa para reiniciar a integração rumo à saúde. O analista precisa estar disposto a oferecer ao paciente o que este necessita para tanto –a começar, às vezes, pela etapa mais primitiva. Ele não é um decifrador, mas alguém que participa ativamente, pelo seu comportamento, da retomada do amadurecimento por seu paciente.

O tratamento consiste em facilitar a busca pelo paciente, aqui e agora, da integração não alcançada no passado. O analista só poderá proceder assim se acreditar na natureza humana e na tendência à integração que a caracteriza.

Em Freud, a ordem social e a cultura são produtos da sublimação, processo pelo qual os indivíduos e sociedades inteiras buscam resolver seus inevitáveis conflitos sexuais de caráter edípico, marcados pela ameaça da castração do filho por parte do pai e, como reação, pelo assassinato do pai pelos filhos revoltados, acometidos posteriormente de culpa.

A culpa torna-se o motor do processo cultural, basicamente o mesmo das neuroses. Sendo assim, as formas da vida social (família, grupos sociais, igrejas, povos) e da cultura humana, mesmo as mais elevadas (a moral da lei, as religiões monoteístas, as artes) possuem as mesmas propriedades que as neuroses individuais e coletivas. A família exogâmica, favorecida pela sociedade, surge da proibição do incesto, terminando com isso o drama do assassinato do pai. A moral freudiana, herdeira da moral da lei kantiana, e o monoteísmo têm a mesma origem: a divinização compensatória do pai e da vontade do pai.

DIGESTÃO

Em Winnicott, a ordem social, em particular a família, emerge em larga medida das tendências rumo à organização em uma personalidade individual. O pai, protegendo a mãe nos estágios iniciais do amadurecimento da criança, possibilita a esta suportar a culpa de seu uso excitado da mãe e, assim, ficar livre para amá-la instintivamente –sendo que os instintos, no início, não são genitais, mas

relacionados à digestão. A origem e o funcionamento da família diz respeito à provisão ambiental da qual a criança necessita para se integrar.

Os elementos básicos da moralidade também são adquiridos antes das relações triangulares, que Freud chamou de edípicas, pois a criança passa cedo a sentir-se compadecida pelos estragos que, nos estados excitados, ela faz ou imagina fazer no corpo da sua mãe, que ela ama. Se esta sobrevive e não retalia —o que ela é capaz de fazer se tem saúde e é auxiliada pelo pai ou outras pessoas—, a criança descobre sua própria urgência para remendar e contribuir.

Antes e independentemente de coerção externa, a criança cria a capacidade de sentir-se culpada e de ser responsável por outras pessoas. Essa é, em Winnicott, a origem da ética —decerto, não da ética da lei (e certamente não a da lei da proibição do incesto), mas da ética do cuidado em relação a outras pessoas e a sua continuidade do ser, que pode ser aproximada do cuidado de si e dos outros, de Heidegger e de Foucault.

No que se refere à religião, suas várias formas correspondem, de acordo com Winnicott, aos sucessivos estágios do processo de amadurecimento. O monoteísmo em particular tem sua origem no estágio do "eu sou", no qual se constitui a unidade pessoal. Nesse processo, o pai, mais do que a mãe, é usado pela criança como esquema para a aquisição de um si-mesmo unitário.

A atividade artística é a continuidade do brincar, que começa muito cedo, já durante o estágio dos fenômenos transicionais (uso de ursinhos, chupetas, pontas do lençol etc.). O brincar é inerentemente excitado e precário, mas essas características não surgem da excitação instintual. Em especial não é, como quer Freud, um resultado de sublimação da repressão que resolve conflitos internos.

Diante do que apresentei, fica possível determinar com precisão o lugar de Winnicott na história da psicanálise. Ele não é freudiano (nem kleiniano, tampouco lacaniano); é o que se tornou ao viver sua vida e fazer o seu trabalho clínico dedicado a ajudar outras pessoas a se tornarem, elas também, indivíduos integrados, capazes de viver uma vida que valha a pena de ser vivida e, finalmente, de dar-se ao luxo até de morrer. Provavelmente, no caso do próprio Winnicott, de morrer tranquilo, pois a revolução à qual dedicou sua vida estava lançada.

ZELJKO LOPARIC, 76, é professor titular aposentado de filosofia da Unicamp e autor de "Winnicott e Jung" (DWW).